

A História Oculta do Versículo Quarenta - Número Vinte e Dois

Ezequiel Número Três

Jeff Pippenger

2026-08-08

Ezequiel é sacerdote durante o período do selamento dos cento e quarenta e quatro mil. No capítulo um, Ezequiel é levado ao santuário.

Ora aconteceu, no trigésimo ano, no quarto mês, aos cinco dias do mês, estando eu entre os cativos junto ao rio Quebar, que os céus se abriram, e eu vi visões de Deus. Aos cinco dias do mês, no quinto ano do cativeiro do rei Joaquim, veio expressamente a palavra do Senhor a Ezequiel, o sacerdote, filho de Buzi, na terra dos caldeus, junto ao rio Quebar; e a mão do Senhor estava ali sobre ele.

E olhei, e eis que um redemoinho vinha do norte, uma grande nuvem, com um fogo que se revolia, e um resplendor ao redor dela; e do meio disso saía algo como a cor de âmbar, do meio do fogo. E do meio dela saía a semelhança de quatro seres viventes. E esta era a sua aparência: tinham a semelhança de homem. E cada um tinha quatro rostos, como também cada um deles quatro asas. E os seus pés eram pés direitos; e a planta dos seus pés era como a planta do pé de um bezerro; e luziam como a cor de bronze polido. E tinham mãos de homem debaixo das asas, aos quatro lados; e os quatro tinham os seus rostos e as suas asas. As suas asas uniam-se uma à outra; não se viravam quando iam; cada um andava para diante do seu rosto. Quanto à semelhança dos seus rostos, os quatro tinham rosto de homem; e rosto de leão à direita; e os quatro tinham rosto de boi à esquerda; e os quatro tinham também rosto de águia. Assim eram os seus rostos; e as suas asas estavam estendidas para cima; duas asas de cada um se uniam uma à outra, e duas cobriam os seus corpos.

E cada um ia em frente; para onde o espírito havia de ir, iam eles; e não se viravam quando iam. Quanto à semelhança dos seres viventes, a sua aparência era como brasas de fogo ardente, e como a aparência de lâmpadas; o fogo subia e descia entre os seres viventes; e o fogo era resplandecente, e do fogo saíam relâmpagos. E os seres viventes corriam e voltavam, à semelhança de um clarão de relâmpago. Ora, enquanto eu contemplava os seres viventes, eis que havia uma roda sobre a terra junto aos seres viventes, para cada uma das suas quatro faces. A aparência das rodas e a sua estrutura era como o brilho de berilo; e as quatro tinham uma mesma semelhança; e a sua aparência e a sua estrutura eram como se uma roda estivesse no meio de outra roda. Quando iam, moviam-se para os seus quatro lados; e não se viravam quando iam. Quanto aos seus aros, eram tão altos que metiam espanto; e os seus aros estavam cheios de olhos ao redor, nas quatro. E, quando os seres viventes iam, as rodas iam junto deles; e, quando os seres viventes se elevavam da terra, as rodas se elevavam. Para onde o espírito havia de ir, iam eles; para lá ia o seu espírito; e as rodas se elevavam defronte deles; porque o espírito do ser vivente estava nas rodas.

Quando aqueles iam, estes iam; e, quando aqueles paravam, estes paravam; e, quando aqueles se elevavam da terra, as rodas se elevavam juntamente com eles; porque o espírito do ser vivente estava nas rodas. E a semelhança do firmamento sobre as cabeças do ser vivente era como a cor de cristal terrível, estendido por cima, sobre as suas cabeças. E debaixo do firmamento estavam as suas asas direitas, uma para a outra; cada um tinha duas, que lhe cobriam deste lado, e cada um tinha duas, que lhe cobriam daquele lado, os seus corpos. E, quando iam, ouvi o ruído das suas asas, como o ruído de muitas águas, como a voz do Todo-Poderoso, a voz de fala, como o ruído de um exército; quando paravam, abaixavam as suas asas. E houve uma voz vinda do firmamento que estava por cima das suas cabeças, quando paravam e abaixavam as suas asas. E por cima do firmamento que estava sobre as suas cabeças havia a semelhança de um trono, como a aparência de uma pedra de safira; e sobre a semelhança do trono havia uma semelhança, como a aparência de um homem, por cima dele. E vi como a cor de âmbar, como a aparência de fogo ao redor dentro dele, desde a aparência dos seus lombos para cima; e desde a aparência dos seus lombos para baixo vi como que a aparência de fogo, e havia resplendor ao redor. Como a aparência do arco que aparece na nuvem no dia da chuva, assim era a aparência do resplendor ao redor. Esta era a aparência da semelhança da glória do Senhor. E, quando a vi, caí sobre o meu rosto, e ouvi a voz de um que falava. Ezequiel 1:1–28.

“Ezequiel, o profeta exilado e pranteador, na terra dos caldeus, recebeu uma visão que ensinava a mesma lição de fé no poderoso Deus de Israel. Estando ele junto às margens do rio Quebar, um redemoinho pareceu vir do norte, ‘uma grande nuvem, e um fogo que se revolia, e um resplendor ao redor dela, e do meio disso uma coisa como cor de âmbar’. Várias rodas de aparência estranha, entrecruzando-se umas com as outras, eram movidas por quatro seres viventes. Muito acima de todas estas coisas estava ‘a semelhança de um trono, como a aparência de uma pedra de safira; e sobre a semelhança do trono havia uma semelhança, como a aparência de um homem, no alto, sobre ele’. ‘Quanto à semelhança dos seres viventes, a sua aparência era como brasas de fogo ardentes, e como a aparência de tochas: o fogo subia e descia entre os seres viventes; e o fogo era resplandecente, e do fogo saíam relâmpagos.’ ‘E apareceu nos querubins a forma de mão de homem debaixo das suas asas.’”

“Havia rodas dentro de rodas, em um arranjo tão complicado que, à primeira vista, pareceram a Ezequiel estar todas em confusão. Mas, quando se moviam, era com bela exatidão e em perfeita harmonia. Seres celestiais impeliavam essas rodas e, acima de tudo, sobre o glorioso trono de safira, estava o Eterno; enquanto ao redor do trono estava o arco-íris que o circundava, emblema de graça e amor. Vencido pela terrível glória da cena, Ezequiel caiu sobre o seu rosto, quando uma voz lhe ordenou que se levantasse e ouvisse a palavra do Senhor. Então lhe foi dada uma mensagem de advertência para Israel.” Testimonies, 751.

No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi também o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os pés, e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. E os umbrais das portas se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça. Então disse eu: Ai de mim! Pois estou perdido; porque sou homem

de lábios impuros e habito no meio de um povo de impuros lábios; porque os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos. Então um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; e com ela tocou a minha boca, e disse: Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniquidade foi tirada, e purificado o teu pecado. Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Então disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim. Isaías 6:1–8.

“Esta visão foi dada a Ezequiel em um tempo em que sua mente estava cheia de sombrios pressentimentos. Ele viu a terra de seus pais jazer desolada. A cidade que outrora estivera cheia de gente já não era mais habitada. A voz da alegria e o cântico de louvor já não se ouviam dentro de seus muros. O próprio profeta era um estrangeiro em terra estranha, onde a ambição sem limites e a crueldade selvagem reinavam supremas. Aquilo que via e ouvia da tirania e da injustiça humanas angustiava-lhe a alma, e ele pranteava amargamente dia e noite. Mas os maravilhosos símbolos postos diante dele junto ao rio Quebar revelavam um poder soberano mais poderoso do que o dos governantes terrenos. Acima dos orgulhosos e cruéis monarcas da Assíria e da Babilônia, o Deus de misericórdia e verdade estava entronizado.

“As complicações semelhantes a rodas, que ao profeta pareciam envolvidas em tal confusão, estavam sob a direção de uma mão infinita. O Espírito de Deus, revelado a ele como quem movia e dirigia essas rodas, tirava harmonia da confusão; assim, o mundo inteiro estava sob o Seu controle. Miríades de seres glorificados estavam prontas, à Sua palavra, para sobrepor-se ao poder e à política de homens maus, e trazer o bem aos Seus fiéis.

“De modo semelhante, quando Deus estava para abrir ao amado João a história da igreja para as eras futuras, deu-lhe uma certeza do interesse e cuidado do Salvador por Seu povo, revelando-lhe ‘um semelhante ao Filho do homem’, andando no meio dos castiçais, que simbolizavam as sete igrejas. Enquanto a João eram mostradas as últimas grandes lutas da igreja com os poderes terrestres, também lhe foi permitido contemplar a vitória final e o livramento dos fiéis. Ele viu a igreja levada a um conflito mortal com a besta e a sua imagem, e a adoração dessa besta imposta sob pena de morte. Mas, olhando para além da fumaça e do fragor da batalha, contemplou uma companhia sobre o Monte Sião com o Cordeiro, tendo, em vez da marca da besta, o ‘nome de seu Pai escrito em suas testas’. E novamente viu ‘os que alcançaram a vitória sobre a besta, e sobre a sua imagem, e sobre o seu sinal, e sobre o número do seu nome, em pé junto ao mar de vidro, tendo as harpas de Deus’ e cantando o cântico de Moisés e do Cordeiro.”

“Estas lições são para nosso benefício. Precisamos firmar a nossa fé em Deus, pois está justamente diante de nós um tempo que provará a alma dos homens. Cristo, no Monte das Oliveiras, descreveu os temíveis juízos que haveriam de preceder a Sua segunda vinda: ‘E ouvireis de guerras e de rumores de guerras.’ ‘Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestilências, e terremotos, em vários lugares. Mas todas essas coisas são o princípio das dores.’ Embora essas profecias tenham tido um cumprimento parcial na destruição de Jerusalém, têm uma aplicação mais direta aos últimos dias.”

“Estamos no limiar de acontecimentos grandes e solenes. A profecia está rapidamente se cumprindo. O Senhor está à porta. Em breve se abrirá diante de nós um período de interesse

esmagador para todos os viventes. As controvérsias do passado não de ser revividas; novas controvérsias surgirão. As cenas que se desenrolarão em nosso mundo ainda nem sequer foram sonhadas. Satanás está operando por meio de instrumentalidades humanas. Os que se empenham em alterar a Constituição e assegurar uma lei que imponha a observância do domingo mal percebem qual será o resultado. Uma crise está precisamente sobre nós.

“Mas os servos de Deus não devem confiar em si mesmos nesta grande emergência. Nas visões dadas a Isaías, a Ezequiel e a João, vemos quão intimamente o Céu está ligado aos acontecimentos que têm lugar sobre a Terra e quão grande é o cuidado de Deus para com aqueles que Lhe são leais. O mundo não está sem um governante. O programa dos acontecimentos futuros está nas mãos do Senhor. A Majestade do Céu tem sob Seu próprio encargo o destino das nações, bem como os interesses de Sua igreja.

“Permitimo-nos sentir excessivo cuidado, aflição e perplexidade na obra do Senhor. Homens finitos não são deixados para levar o fardo da responsabilidade. Precisamos confiar em Deus, crer nEle e avançar. A vigilância incansável dos mensageiros celestiais, e sua incessante atuação em seu ministério em relação com os seres da Terra, mostram-nos como a mão de Deus está guiando a roda dentro da roda. O divino Instrutor está dizendo a cada obreiro em Sua obra, como disse outrora a Ciro: ‘Eu te cingi, ainda que tu não Me conhecesses.’”

“Na visão de Ezequiel, Deus tinha a Sua mão debaixo das asas dos querubins. Isto serve para ensinar aos Seus servos que é o poder divino que lhes dá êxito. Ele trabalhará com eles, se rejeitarem a iniquidade e se tornarem puros de coração e de vida.

“A luz resplandecente que passava entre os seres viventes com a rapidez do relâmpago representa a velocidade com que esta obra finalmente avançará até à sua consumação. Aquele que não dormita, que continuamente opera para o cumprimento de Seus desígnios, pode levar avante Sua grande obra harmoniosamente. Aquilo que, para mentes finitas enredadas e complicadas, parece intrincado, a mão do Senhor pode manter em perfeita ordem. Ele pode idear caminhos e meios para frustrar os desígnios de homens ímpios, e reduzirá à confusão os conselhos daqueles que tramam mal contra o Seu povo.

“Irmãos, agora não é tempo de luto e desespero, nem tempo de ceder à dúvida e à incredulidade. Cristo não é agora um Salvador no sepulcro novo de José, fechado com uma grande pedra e selado com o selo romano; temos um Salvador ressurreto. Ele é o Rei, o Senhor dos Exércitos; está assentado entre os querubins; e, em meio à contenda e ao tumulto das nações, ainda guarda o Seu povo. Aquele que governa nos céus é o nosso Salvador. Ele mede cada provação. Vigia o fogo da fornalha que deve provar toda alma. Quando os baluartes dos reis forem derribados, quando as flechas da ira de Deus traspassarem o coração de Seus inimigos, o Seu povo estará seguro em Suas mãos.” Testimonies, volume 5, 752–754.

Ezequiel representa os candidatos a estarem entre os cento e quarenta e quatro mil, e, linha sobre linha, sua experiência no santuário se harmoniza com a experiência de Isaías e de João dentro do santuário. Estamos agora na prova do templo, a segunda das três provas que sela os cento e quarenta e quatro mil. Esse período é a purificação realizada pelo Mensageiro do Concerto em cumprimento de Malaquias três. O processo de purificação de três provas é a “fornalha” ardente de

Malaquias, “que deve provar toda alma”. Quando o terceiro anjo chegou em 22 de outubro de 1844, o Mensageiro do Concerto veio subitamente ao Seu templo e conduziu as virgens sábias daquela história ao Lugar Santíssimo, a fim de selar os Seus fiéis; porém, as virgens daquela história se rebelaram, e, em 1856, o movimento milerita filadelfiano havia mudado para o movimento milerita laodiceano e, em 1863, tornou-se a igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana.

O terceiro anjo que chegou subitamente em 22 de outubro de 1844 retirou sua presença em 1863, e então retornou em 11 de setembro de 2001. Vinte e cinco anos depois, a prova do templo que foi tipificada por 22 de outubro de 1844 está agora sendo repetida. Vinte e cinco é simbolicamente um dízimo profético de duzentos e cinquenta, e duzentos e cinquenta é um símbolo da história representada nos versículos onze a quinze de Daniel onze. Duzentos e cinquenta, e vinte e cinco, é uma roda dentro da visão do santuário de Ezequiel. Vinte e cinco é um símbolo da separação dos sábios e dos ímpios em cumprimento do processo de prova em três etapas que está representado na obra de purificação que é realizada pelo Mensageiro da Aliança.

Mateus vinte e cinco contém três parábolas, e cada parábola identifica a separação entre os sábios e os ímpios no tempo do selamento dos cento e quarenta e quatro mil. A esperança do povo de Deus, representada no capítulo, é que possa ser uma virgem prudente em posse do óleo da mensagem do clamor da meia-noite. Sua esperança é que seja julgado servo fiel em sua mordomia ao empregar os talentos especiais que lhe foram dados para administrar em seu período pessoal de graça. Sua esperança é que seja julgado como uma ovelha do pasto de Deus, assentada à Sua mão direita, e não um bode à sua esquerda. Vinte e cinco é um símbolo da separação entre os sábios e os ímpios no tempo do selamento dos cento e quarenta e quatro mil. Vinte e cinco é uma das rodas de Ezequiel.

No vigésimo quinto ano do nosso cativo, no princípio do ano, no décimo dia do mês, no décimo quarto ano depois de a cidade ter sido ferida, naquele mesmo dia a mão do Senhor esteve sobre mim e me levou para lá. Ezequiel 40:1.

O vigésimo quinto ano do cativo é representado pelo dia 22 de outubro, o qual é representado pelo fechamento de uma porta dispensacional. Em 22 de outubro de 1844, uma porta foi aberta e uma porta foi fechada, ao serem separadas duas classes.

E ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi, o que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre: Conheço as tuas obras; eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar; porque tens pouca força, e guardaste a minha palavra, e não negaste o meu nome. Apocalipse 3:7, 8.

Cristo diz ao anjo de Filadélfia que conhece a sua obra, e que pôs diante da igreja de Filadélfia uma porta aberta. Essa porta é aberta pela “chave de Davi”, a chave que é posta sobre Eliaquim.

E acontecerá naquele dia que chamarei o meu servo Eliaquim, filho de Hilquias; e o vestirei com a tua túnica, e o fortalecerei com o teu cinto, e entregarei o teu governo em sua mão; e ele será pai para os habitantes de Jerusalém e para a casa de Judá. E porei sobre o seu ombro a chave da casa de Davi; ele abrirá, e ninguém fechará; e fechará, e ninguém abrirá. Isaías

22:20–22.

No dia em que Eliakim é chamado, ele é separado do ímpio Sebna.

Assim diz o Senhor Deus dos Exércitos: Vai, entra a este tesoureiro, a Sebna, que está sobre a casa, e diz: Que tens tu aqui? e a quem tens tu aqui, para que lavrasses aqui para ti um sepulcro, como o que lava para si um sepulcro no alto, e esculpe para si uma morada na rocha? Eis que o Senhor te fará levar em cativeiro violento, e certamente te cobrirá. Certamente te fará rolar e te arrojará como uma bola para uma terra espaçosa; ali morrerás, e ali estarão os carros da tua glória, ó vergonha da casa de teu senhor. Isaías 22:15–18.

A separação das virgens prudentes e loucas que cumpriu a ilustração de Sebna e Eliaquim cumpriu-se em 22 de outubro de 1844, e também no vigésimo quinto ano do cativeiro de Joaquim, que foi 22 de outubro de 573 a.C. Em Ezequiel, capítulo oito, os ímpios dentro do adventismo, representados por Jerusalém, são representados por vinte e cinco homens curvando-se ao sol. A destruição de Jerusalém representa a lei dominical, que é também o marco que encerra o tempo de selamento dos cento e quarenta e quatro mil. Esse tempo de selamento começou em 11 de setembro de 2001, e Jesus é tanto o Alfa como o Ômega; assim, 11 de setembro de 2001, como o início do selamento, ilustra o fim, na lei dominical.

O dia 11 de setembro de 2001 foi tipificado pelas reuniões de Minneapolis de 1888, pois a Irmã White identifica que, quando os grandes edifícios de Nova York vieram abaixo em 11/9, Apocalipse 18:1–3 se cumpriu. Naquele tempo, como em 1888, ela identificou que o anjo de Apocalipse dezoito desceu para iluminar a terra com a Sua glória. A rebelião de 1888 ela alinhou com a rebelião de Corá, Datã e Abirão, aos quais também se uniram, em sua apostasia, duzentos e cinquenta homens de renome. Os duzentos e cinquenta rebeldes na rebelião de Corá e de seus companheiros, na história inicial do antigo Israel, tipificavam os vinte e cinco homens que se prostravam diante do sol no período final do antigo Israel.

Vinte e cinco líderes do adventismo laodiceano curvando-se diante da lei dominical e duzentos e cinquenta no 11 de Setembro apresentam o tempo do selamento com o simbolismo de vinte e cinco, (o símbolo da separação entre os sábios e os ímpios) para assinalar o início e o fim do tempo do selamento. Quer se trate dos duzentos e cinquenta rebeldes no tempo de Moisés, ou dos vinte e cinco homens em Ezequiel capítulo oito, ou das três testemunhas da separação em Mateus capítulo vinte e cinco, ou do vigésimo quinto ano do cativeiro em Ezequiel quarenta; todas as manifestações do símbolo de vinte e cinco se alinham com os três períodos de duzentos e cinquenta anos que chegaram à sua conclusão em 207 a.C., 313 e 2026, respectivamente.

Vinte e cinco é, por assim dizer, um eixo de vinte e cinco que conduz todas as linhas de vinte e cinco à perfeição. Torna-se uma das chaves proféticas do reino dadas a Pedro para trazer clareza à história oculta do versículo quarenta. Tem sido repetidamente estabelecido por mais de três testemunhas que os versículos dez a quinze de Daniel onze representam uma linha que abrange a história desde 1989 até a lei dominical, a qual é a história oculta do versículo quarenta. O Leão da tribo de Judá está agora desselando as rodas de Ezequiel ao abrir a história oculta que finalizará a mensagem do Clamor da Meia-Noite dos últimos dias.

Nos artigos seguintes continuaremos a identificar as rodas de Ezequiel, que representam a complexa interação dos homens nos últimos dias. Ezequiel, capítulo um, no início deste artigo, e a passagem correspondente de Testimonies, volume cinco, aqui apresentada, constituirão nosso ponto de referência contínuo à medida que avançarmos nos artigos. Quando as rodas forem apresentadas em seu devido lugar, e com suas devidas interseções com as outras rodas da história profética, demonstraremos que os trezentos e noventa e um anos e quinze dias que fortaleceram o primeiro anjo em 11 de agosto de 1840 também são representados por Ezequiel como trezentos e noventa anos, ligados ao ano e meio do cerco de Jerusalém; e que a chegada desta luz profética identifica o levantamento do estandarte dos cento e quarenta e quatro mil.

27 de julho de 1299 até 1337 representa trinta e oito anos no início dos cento e cinquenta anos (cinco meses) de Apocalipse nove, versículo dez. Esses cento e cinquenta anos se ligam aos trezentos e noventa e um anos e quinze dias do versículo quinze. Assim, o início dos dois períodos compõe uma linha de profecia que se concluiu no cumprimento da predição de 1838 e 1840 de Josiah Litch e assinalou o surgimento e o fortalecimento do movimento milerita. Essa história no início do Adventismo assinala o surgimento dos cento e quarenta e quatro mil como um estandarte antes da lei dominical. Assim, os trezentos e noventa anos de Ezequiel, e um ponto cinco anos (1,5) do cerco de Jerusalém marcam o fim da linha de profecia que começou em 1299.

Seria proveitoso considerar, previamente ao próximo artigo, a passagem de Testimonies, volume cinco.